

Ensaio sobre Marx e Engels, Mészáros e o Problema da Ideologia

Alexandre de Jesus Santos¹

Mailton Rocha Pereira²

Resumo: A discussão no campo da ideologia está longe de ser superada. Com frequência nos deparamos com autores diversos, cada um a seu modo, tentando realizar um esforço de sistematização do conceito, tanto no campo do marxismo quanto fora dele. Nota-se, neste processo, uma tendência interpretativa na esfera da gnosiologia, supostamente em nome de Marx e Engels, que busca restringir o conceito à noção de “falsa consciência” entendendo a ideologia como uma percepção falseada e equivocada dos sujeitos sobre a realidade. Neste ensaio, objetivamos demonstrar que não há nos autores supracitados nenhum simplismo que nos permita reduzir a ideologia à noção de falsa consciência. Além disso, propomos uma aproximação e uma continuidade teórica entre as formulações realizadas por Marx e Engels na obra *A ideologia alemã* e por Mészáros em *O poder da ideologia* nas quais o conceito aparece como consciência social prática amplamente articulada à luta pelo controle do metabolismo social.

Palavras-chave: Ideologia; Imperativo Material; Metabolismo Social.

Essay on Marx and Engels, Mészáros and the Problem of Ideology

Abstract: The discussion in the ideological field is far from being overcome. Often we come across different authors, each in his own way, trying to make an effort to systematize the concept, both in the field of Marxism and outside it. An interpretive tendency in the sphere of gnosiology, supposedly in the name of Marx and Engels, seeks to restrict the concept to the notion of “false consciousness”, understanding ideology as a false and misleading perception of subjects about reality. In this essay, we aim to demonstrate there is not oversimplification in the above-mentioned authors that allows us to reduce ideology to the false consciousness notion. Furthermore, we propose an approximation and a theoretical continuity between the Marx and Engels formulations in *The German Ideology* and by Mészáros in *The Power of Ideology* in which the concept appears as a practical social conscience broadly articulated in the struggle for the social metabolism control.

Keywords: Ideology; Material Imperative; Social Metabolism.

Introdução

Ponderar sobre a ideologia supõe uma profunda reflexão a propósito de como, ao longo do tempo, esse conceito vem sendo empregado por diversos autores. Evidentemente, podemos encontrar uma

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, graduado em História e graduando em Filosofia pela mesma instituição. Pesquisador do GEILC/CNPq – Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes/Museu Pedagógico/UESB. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. E-mail: alexandre_magno2@hotmail.com.

² Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e graduado em Geografia pela mesma instituição. Pesquisador do GEILC – Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes/Museu Pedagógico/UESB. E-mail: mailtonrp@yahoo.com.br

infinitude de concepções diferenciadas, contraditórias e até similares, mas, a maioria delas possui como fundamento, para a sua afirmação ou refutação, as formulações propostas por Marx e Engels contidas n'A *ideologia alemã*, obra divisora de águas no tratamento da questão.

Percorrer tal caminho não constitui imediatamente o objetivo deste ensaio, que tem como finalidade primária delinear uma possível aproximação teórica sobre o conceito de ideologia em Marx, Engels e Mészáros, a partir de suas respectivas obras *A ideologia alemã* e *O poder da ideologia*. Não somente traremos à tona a similaridade teórica do problema conceitual, mas refutaremos no decorrer do texto a cimentação do problema em torno da falsa consciência. Tal refutação se apresenta como uma necessidade da própria empreitada de estabelecer um diálogo ente Marx, Engels e Mészáros no concernente à problemática da ideologia.

Inicialmente faremos uma breve explanação sobre conceito de ideologia apresentado por Marx e Engels pretendendo contrapor algumas formulações grosseiras e assistemáticas desse conceito, entendidas aqui como resultantes de interpretações superficiais e gnosiológicas, pautadas numa divisão contraditória entre ideologia e ciência, supostamente advindas da obra dos autores.

Marx, Engels e a ideologia

Marx e Engels foram os primeiros autores que construíram um estatuto teórico sistemático para o conceito de ideologia nos manuscritos de 1945-46. Antes deles, a palavra ideologia possuiu diferentes significados, passando desde uma designação usada para se referir aos homens produtores de ideias infundadas possuindo um sentido negativo, até sua consideração como "ciência das ideias", ou seja, conjunto de ideias de uma determinada época, com o sentido positivo.

A questão no que se refere à contribuição dos autores, do ponto de vista teórico, está no âmbito do esforço realizado n'A *ideologia alemã* para sistematizar o conceito; e, do ponto de vista prático, mostrar como a produção do conhecimento evidenciado no tempo em que a obra foi produzida, se vincula diretamente a conjecturas que desembocam, com objetivo consciente ou inconsciente de seus porta-vozes, na naturalização e justificação das relações sociais. Ou seja, trataram da articulação existente entre a reprodução da vida material e as formas de consciência social que dela emanam e, ao mesmo tempo, a influenciam.

Uma das concepções mais recorrentes sobre o conceito de ideologia em Marx e Engels vincula-se a noção de que a ideologia corresponde à falsa consciência. Essa concepção resulta de uma interpretação parcializada e fragmentada de trechos específicos contidos na obra em foco. Os autores afirmam que

[...] no que tange à história dos homens, nós teremos de encará-la de perto na presente obra, uma vez que a ideologia inteira se reduz ou a uma compreensão invertida dessa história ou à abstração total dela. A ideologia, ela mesma, é apenas um dos lados dessa história. (MARX e ENGELS, 2007, p. 39).

A grosso modo, segundo essa concepção corrente, a interpretação da realidade operada pelos sujeitos se reduz a uma visão enganosa e um entendimento falseado da realidade como se o mundo exterior fosse um engano cognitivo. Essa noção representaria um problema para o desenvolvimento científico, que estaria envolto na dualidade do verdadeiro conhecimento científico e do falso³ conhecimento ideológico. Essa premissa, que orienta toda a obra althusseriana, não somente estabelece uma distinção rígida entre ideologia e ciência, adotando a expressão neopositivista da filosofia burguesa para o interior do marxiano

³ Para uma discussão mais profunda sobre a questão ver Meszáros (2004) e Vaisman (2014).

(COUTINHO, 2010) como também calca sua arguição em uma suposta separação epistemológica entre o jovem Marx e o Marx da maturidade⁴.

Assim, a ideologia corresponderia a uma consciência invertida, falsa e mística das relações reais que, apesar de nascer da materialidade, se reproduz enquanto expressão ideal dos sujeitos produtores de ideologia, não expressando, de forma alguma, a essência da realidade e, em alguns casos, abstraindo-se completamente dela.

Evidentemente, essa concepção amplamente difundida que se ancora na passagem supracitada e em outras que se encontram dispersas na obra dos autores, demanda, para sua refutação, evidenciar a concepção de realidade apresentada pelos autores, uma vez que a ideologia compreendida enquanto sua subversão⁵ somente pode ficar plenamente compreendida na medida em que desvendamos o duplo aspecto que a constitui, postulando, como inferiu Marx (2010), sobre o papel da filosofia no desvelamento do real.

Para Marx e Engels a realidade, tanto a natural quanto a social só podem existir numa objetividade determinada, que impõe, a toda forma de ser, limites existenciais sem os quais o ser torna-se não-objetivo e, portanto, não-ser (MARX e ENGELS, 2007). Na realidade, o realmente existente e determinado não é produto do ser puramente lógico e livre de determinações como propôs Hegel (2011) ou mesmo da “consciência universal” dos homens ou ainda dos universais kantianos (NÓBREGA, 2011), mas antes, em sua faceta social é resultante de ações dos homens do mundo mediado pela categoria do trabalho⁶. Por outro lado, a realidade não se apresenta à consciência dos homens em sua essência de ser, mas apenas de forma grosseira como dado imediato e sensível que, apensar de fenomênico, também é real.

Para apresentar melhor esta formulação recorreremos à relação dialética entre aparência e essência, categorias que Marx e Engels resgatam da filosofia clássica alemã. Muito embora Kant (2012) negue de forma peremptória toda e qualquer possibilidade de apreender o ser em si, estatuidando sua incognoscibilidade e reduzindo o papel do conhecimento a uma mera descrição subjetiva da realidade, Hegel (2013) reativa, ainda que enquanto realização da metafísica, a relação ontológica primordial entre a essência e aparência. Na esteira do materialismo histórico, os autores de *A ideologia alemã* reestabelecem essa relação como condicionamento necessário para o conhecimento da realidade.

Para compreender melhor essa relação entre essência e aparência, podemos partir da formulação aristotélica⁷, segundo a qual um quadro que possui uma determinada reprodução do real, ou seja, uma tela pintada a partir de um animal ao mesmo tempo que representa a realidade primeira a partir da qual a obra foi concebida é, também, uma realidade em si. Trata-se, portanto, de um lado, da representação da realidade e, de outro, de uma realidade em si. Enquanto representação da coisa que é, ou seja, do fato primeiro (o animal), o quadro é apenas a aparência da realidade, sua representação, cuja essência manifesta e, ao mesmo tempo a esconde. Por outro lado, enquanto realidade em si, ou seja, objetivação da subjetividade humana, o quadro não manifesta as relações que subjaz sua concepção, como o trabalho do artista, a transformação da natureza, a inspiração, a angústia etc. Em ambos os casos, ao mesmo tempo em que aparência da realidade remete à sua essência, esta última não está dada e sua apreensão está condicionada à realização de um processo abstrativo que transcende o fenômeno em si.

Nessa perspectiva, o objetivo do conhecimento, seja ele filosófico ou científico, é exatamente

⁴ Ver Althusser (1999).

⁵ Posteriormente voltaremos ao problema da subversão afim de elucidá-lo.

⁶ Vide Lessa (2014)

⁷ Para uma leitura mais completa sobre a problemática proposta por Aristóteles dentro do contexto da discussão da reminiscência ver Aristóteles (2012).

transcender a realidade dada e, através do movimento do pensamento, do processo de abstração intelectual, alcançar aquilo que imediatamente não está dado, a essência mesma da realidade, recompondo no pensamento, a concreticidade mais profunda do ser. É Marx (2008) que afirma que “toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas”.

Deste modo, realidade é, para os autores, objetividade determinada que, a partir das relações que os homens estabelecem com ela, afloram certos tipos de consciência social. Deste modo, inferem que,

[...] A consciência é, portanto, já de antemão um produto social, e o seguirá sendo enquanto existirem seres humanos. A consciência é, em princípios, naturalmente, consciência do mundo *imediato* e sensível que nos rodeia, e consciência dos nexos limitados com outras pessoas e coisas, fora do indivíduo consciente de si mesmo (MARX e ENGELS, 2007, p. 23).

A consciência que o homem possui da realidade humana-social é produto do contato com o mundo exterior que, no processo de conhecimento e reconhecimento da exterioridade se conhece e se reconhece como produto e produtor destas relações, mas apenas enquanto fenômeno puro e não enquanto essência.

Em outros termos Kosik (1976) vai trazer os conceitos de concreticidade e pseudoconcreticidade que está diretamente atrelado à relação dialética entre aparência e essência. Obviamente, a realidade em si, do ponto de vista teórico, não se manifesta na aparência ou na essência, mas ambos os aspectos são elementos constituintes de uma mesma realidade, pois, para o autor, a diferença que separa fenômeno e essência não equivale à diferença entre real e irreal uma vez que “[...] a realidade é a unidade do fenômeno e da essência” (KOSIK, 1976 p. 16). Segundo o autor, o mundo dos fenômenos que povoa o cotidiano dos indivíduos e que em sua regularidade, imediatismo e evidência penetra em suas consciências é mundo da *pseudoconcreticidade*.

Neste sentido, Marx e Engels, ao apresentarem a tomada de consciência como relação imediata dos homens com o mundo e a ideologia como a consciência invertida da realidade, pelo fato da consciência não captar imediatamente a sua essência, deram margem para interpretação da ideologia como falsa consciência.

Entretanto, a imensa proliferação parcial da crítica a Feuerbach da obra *Ideologia Alemã* foi determinante para o engendramento de uma concepção parcializada sobre o conceito de ideologia na obra dos autores. No entanto, é possível encontrar outras passagens da mesma obra que estabelecem uma conexão entre a produção das ideias e o processo de vida real. Não sem razão inferem que

A situação da Alemanha no final do século passado se reflete plenamente na *Crítica da razão prática*, de Kant. Enquanto a burguesia francesa se alçava ao poder mediante a revolução mais colossal que a história conheceu e conquistava o continente europeu, enquanto a burguesia inglesa, já politicamente emancipada, revolucionava a indústria e subjugava politicamente a Índia e comercialmente o resto do mundo, os impotentes burgueses alemães só conseguiam ter “boa vontade”. [...]. Essa boa vontade de Kant corresponde totalmente à impotência, ao abatimento e à miséria dos burgueses alemães, cujos interesses mesquinhos nunca foram capazes de evoluir para interesses nacionais e coletivos de uma classe, e que, por isso mesmo, foram continuamente explorados pelos burgueses de todas as outras nações (MARX e ENGELS, 2007, p. 192 – 193).

Conforme inferem acima, a formulação filosófica kantiana não pode ultrapassar os problemas objetivos nos quais a Alemanha de sua época estava inserida, sendo sua filosofia a expressão ideal, parcializada, das relações materiais vigentes. Isso evidencia como a realidade material é assimilada e reproduzida pelos sujeitos em todos os âmbitos da sociedade. Porém, apesar desta visão parcializada e problemática abdicar de apreender as determinações últimas do ser-em-si para postular ética da “boa-vontade”, não se pode afirmar que ela se trata de uma consciência não-real (produto de algum tipo de auto enganação), na medida em que

só pode ser compreendida como resultante da necessidade socio-reprodutiva do sujeito submetido a uma determinada divisão do trabalho. Assim, tal percepção sobre a realidade de modo algum deve ser tratada como invenção ou ilusão, mas, como um substrato de relações materiais de produção e de dominação; em outras palavras, como desdobramento e emanação das formas de intercâmbio material conforme afirmam Marx e Engels (2007). Desta forma, é lacônico precisar que

Os homens são os produtores de suas representações, ideias e assim por diante, mas apenas os homens reais e ativos, conforme são condicionados através de um desenvolvimento determinado de suas forças de produção e pela circulação correspondente às mesmas, até chegar as suas formações mais desenvolvidas. A consciência (Bewusstsein) não pode ser jamais algo diferente do que o ser consciente (bewusstes Sein), e o ser dos homens é um processo de vida real. [...]. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia e as formas de consciência que a elas possam corresponder não continuam mantendo, assim, por mais tempo, a aparência de sua própria autonomia (MARX e ENGELS, 2007, pp. 48 – 49).

A formulação dos autores sobre a produção de ideias, vai no sentido de apreender que aquilo que se constitui como princípio orientador de determinada ordem social, o seu conjunto de ideias, procede de um constructo histórico e social atrelado às relações materiais de produção, uma espécie de racionalidade historicamente desenvolvida na forma de instituições (a moral, a religião, a metafísica, etc.) que passam a funcionar como força apaziguadora dos conflitos sociais subjacentes e, portanto, detentora de uma função prática. Não sem razão, na oitava tese sobre Feuerbach Marx (2007, p. 29) firma que “toda vida social é essencialmente *prática* [...]” e a consciência dessa prática é o próprio ser consciente inserido no processo de vida real.

Não se trata, por este prisma, da falsa consciência como negação deliberada das estruturas mais íntimas da realidade ou mesmo da assimilação deliberada de aspectos cruciais da ideologia dominante, mas, antes, conforme postula Marx e Engels (2007, p. 49, grifo nosso) “também as formulações nebulosas que se condensam no cérebro dos homens são sublimações *necessárias* do seu processo material de vida, processo empiricamente registrável e ligado as condições materiais”.

Trata-se, portanto, da percepção imediata da realidade tomada como a verdade mesma. A ideia de falsa consciência deve ser entendida, por um lado, como a apreensão operada pelo sujeito no âmbito do aspecto fenomênico da realidade social e, por outro, como *anacronismo* entre a aparência da realidade e a realidade em si que resulta da relação dialética entre um e outro, cuja apreensão deve ser realizada pela mediação da abstração intelectual.

A ideologia deve ser entendida como consciência real do homem no mundo, a predicação de falsa e verdadeira não constitui oposição à consciência real. Falsa e verdadeira consciência são objetivações da consciência real do homem intrinsecamente conexas com os conceitos de aparência e essência da realidade que se complementam mutuamente e constituem a totalidade da “coisa”. A consciência real, deste ponto de vista, pode ser falsa ou verdadeira a depender do nível de proximidade com o ser-em-si da realidade.

Para Marx e Engels, a dimensão falsa e verdadeira da consciência social é importante na medida em que mais verdadeira ou mais falsa, sempre em termos de aproximação, está relacionada ao nível de apreensão da realidade pela consciência. Pela aparência, pela pseudoconcreticidade os homens tomam consciência da realidade sensível e imediata se reproduzindo na cotidianidade por meio dela, por meio da essência em sua relação dialética com a aparência realiza-se a recomposição da totalidade. É importante salientar, todavia, que ambas as consciências são reais, pois são as únicas que existem.

Nessa perspectiva, a ideologia enquanto falsa consciência está relacionada a não captação dos

processos essenciais, passíveis de ser apreendidos apenas por meios dos processos de abstração intelectual, ao passo que enquanto consciência real dos homens no mundo, diz respeito a forma como os homens tomam consciência dessa mesma realidade.

Marx, em um trecho bastante elucidativo afirma peremptoriamente que,

[...] quando se considera tais transformações, convém distinguir sempre as transformações materiais das condições econômicas de produção – que podem ser verificadas fielmente com a ajuda das ciências físicas e naturais – e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim (MARX, 2008, p. 48).

Nesse seguimento, é através dessa relação imediata com o mundo que os homens tomam consciência da realidade, assumindo, portanto, uma ideologia determinada, pois não é dado ao homem o direito de escolher as condições sob as quais vai atuar, mas apenas agir nestas condições determinadas (MARX e ENGELS, 2007). E é nessa instância da vida prática, na qual os homens levam o conflito até o fim, que eles devem pôr em prova a verdade de seu pensamento, como exposto na 2ª tese contra Feuerbach, segundo a qual

A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva [*gegenstandliche Wahrheit*] não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. Na prática tem o homem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza interior [*Diesseitigkeit*] de seu pensamento. A questão acerca da realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da prática é uma questão puramente *escolástica* (MARX e ENGELS, 2007, p. 533).

Toda ideologia, portanto, enquanto consciência social da realidade, seja ela qual for, está diretamente relacionada com os arrolamentos materiais historicamente dados. Compreender a ideologia é apreender o processamento das relações reais entre os homens e de que forma essa realidade se manifesta no campo do pensamento, sem com isso depositar neste último o meio para se chegar às subversões e transformações do estado de coisas existente, pois se os homens na sua vida prática não criarem as condições para tais mudanças não faz nenhuma diferença “se a ideia dessa subversão já foi proclamada uma centena de vezes” (MARX E ENGELS, 2007, p. 43) no âmbito do pensamento.

Voltemos agora para o problema da subversão da realidade. O que aqui chamamos de subversão do real está diretamente relacionado com a noção apresentada por Marx e Engels como inversão, diremos, desse modo, que é o seu equivalente conceitual. A questão que se coloca no tocante ao processo de subversão da realidade, e que Mészáros vai chamar de “mistificação” é o processo de generalização das concepções ideológicas que apresentam como verdade inquestionável o dado imediato da realidade. Neste sentido, o modo como os indivíduos tomam consciência da realidade a partir das formas ideológicas que tornam total o que é parcial, concreto o que é abstrato, e “verdadeiro” o que é falso, subverte a realidade mesma subsidiando o pensamento dos indivíduos que passam a considerar a aparência da realidade como uma relação invertida.

Portanto, a generalização de teorias que naturalizam as relações sociais como estão dadas, subvertem, dentro de um tipo específico de racionalidade, a realidade mesma, que, como afirmamos anteriormente, compreende a inter-relação dialética entre aparência e essência, concreticidade e pseudoconcreticidade. Em linhas gerais, a concepção de ideologia em Marx e Engels aqui apresentada consiste numa interpretação *strictu senso* que propõe ampliar a concepção limitada da ideologia apenas como falsa consciência, enfatizando a mesma como consciência real do homem no mundo que doravante será explorada por Mészáros.

O conceito de ideologia em Mészáros

O filósofo húngaro István Mészáros, nasceu em Budapeste em 1930 tornando-se um dos mais proeminentes discípulos de Lukács, dando continuidade a seu legado e, ao mesmo tempo, avançando rumo aos desafios da sociedade atual, estando entre os mais importantes filósofos marxiano de nosso tempo. Para a problemática em foco *O poder da ideologia*⁸, obra sobre a qual nos debruçaremos a partir de agora, constitui aporte substancial para o debate em torno da ideologia.

Assim como em Marx e Engels, Mészáros atribui substantiva importância a base material da ideologia, pois compreendê-la é, antes de tudo, apreender as determinações materiais e os interesses sociais antagonicamente estabelecidos sob os quais as ideias produzidas em um determinado período histórico estão ancoradas.

As formulações ideológicas estão, deste modo, condicionadas às estruturas materiais da sociedade e somente podem ser compreendidas na medida em que são articuladas com as determinações socioreprodutivas do sistema social vigente. Deste modo, para Mészáros, não existe na sociedade de classes, sujeitos não ideológicos, uma vez que as ideologias já estão dadas quando os homens vêm ao mundo, sendo através delas que eles “adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim” (MARX 2008, p. 48). A ideologia é, portanto, o elemento que nasce das relações materiais e permite a materialização dos comportamentos sociais e da compreensão da realidade, em outras palavras, uma consciência social prática.

As ideologias são, não apenas a generalização das ideias particulares elaboradas pelas classes determinantes, mas todas as ideias materialmente ancoradas e determinadas com um grau relativo de autonomia que são constituídas para resolver⁹ os conflitos de classes e como tal, pois é a partir das ideologias estabelecidas que os *homens tomam consciência da realidade* (MARX, 2008; MÉSZÁROS, 2004).

Nessa perspectiva, Mészáros refez o caminho percorrido por Marx e Engels no que tange às múltiplas determinações que se exercem sobre o ser social na medida em que reafirma que “as circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que este faz as circunstâncias” (MARX e ENGELS, 2007, p. 62), o que revela totalizações recíprocas do homem para o mundo e do mundo para o homem e, por conseguinte, todo o interesse material subjacente à sociedade de classes.

Deste modo, as determinações materiais que se exercem sobre os homens e necessariamente os tornam conscientes dos conflitos sociais, uma vez que as circunstâncias e as ideologias já estão dadas, fica ainda mais claro em Marx quando afirma que,

[...]. Daí se segue, certamente, que o desenvolvimento de um indivíduo é condicionado pelo desenvolvimento de todos os outros, com os quais ele se encontra em intercuro direto ou indireto, e que as diferentes gerações de indivíduos que entram em relações uns com os outros possuem uma conexão entre si, que a existência física das últimas gerações depende da existência de suas predecessoras, que essas últimas gerações, recebendo das anteriores as forças produtivas e as formas de intercâmbio que foram acumuladas, são por elas determinadas em suas próprias relações mútuas [...] (MARX e ENGELS, 2007a¹⁰).

Os autores alemães deixam claro que às novas gerações é legado todo o poder social que os precedeu, desde forças produtivas até formas de consciência. Nesta mesma acepção Mészáros afirma que toda e qualquer ideologia pode ser determinada pela época histórica basicamente em dois sentidos: no primeiro

⁸ A primeira edição desta obra foi publicada em 1989 em Londres, Inglaterra. A primeira edição brasileira foi publicada em 1996 pela Editora Ensaio e mais recentemente, em 2004, a Editora Boitempo lançou uma nova edição.

⁹ Obviamente, a resolução dos conflitos de classes para as classes dominantes está na legitimação indiscriminada ao sistema capitalista como tal, ao que para as classes trabalhadoras está na emancipação humana.

¹⁰ Por uma questão de tradução, recorreremos, nesta citação à edição brasileira de *A ideologia alemã* da Boitempo editorial.

trata-se de um tipo específico de orientação conflituosa “das várias formas de consciência social prática” (MÉSZÁROS, 2004, p. 67) que permanecerá presente nas sociedades de classes. Assim,

[...] a realidade dessa orientação conflituosa e estruturalmente determinada da ideologia não é de modo algum eliminada pelo discurso pacificador da ideologia dominante. Este último deve apelar para a “unidade” e para a “moderação” [...] precisamente para legitimar suas reivindicações hegemônicas em nome do “interesse comum” da sociedade como um todo (Idem, p. 67).

No segundo as ideologias se estruturam em torno do conflito social fundamental na medida em que tal conflito perde gradativamente sua eficácia histórica no sentido de manter a contraditoriedade social, constituindo, portanto, o substrato material do questionamento da ordem social estabelecida e da estruturação pelo controle do metabolismo social. Mézáros afirma que “[...] sem se reconhecer a determinação das ideologias pelas épocas como a *consciência social prática das sociedades de classes*, a estrutura interna permanece ininteligível” (Ibidem).

Neste sentido o filósofo húngaro estabelece três posições ideológicas fundamentais: na primeira, a formulação de ideias e comportamentos sociais apoia indiscriminadamente a ordem social vigente¹¹; no segundo, as proposições fazem a crítica viciada e superficial a essa mesma ordem¹²; já no terceiro, “contrapondo-se às duas anteriores, questiona a viabilidade histórica da própria sociedade de classes, propondo, com o objetivo de sua intervenção prática consciente, a superação de todas as formas de antagonismos de classe.

Toda ideologia, dessa forma, pode se enquadrar em uma das três perspectivas apresentadas acima, a depender do grau de comprometimento com a ordem social estabelecida. Assim, a percepção e o discurso equivocados de que as ideias se autonomizaram em relação a base material da sociedade, tanto dos ideólogos alemães que não observaram a relação entre suas formulações e a materialidade quanto para filósofos e cientistas do nosso tempo que acreditam cegamente na “objetividade científica”, “neutralidade axiológica” e “relatividade gnosiológica” constitui um desdobramento falacioso determinado pelas relações materiais estabelecidas em cada época, que guardam na sua essência a marca dos conflitos sociais subjacentes pelo controle do metabolismo social em toda a sua abrangência.

Para Mézáros, portanto, o mundo do nosso tempo não está, em hipótese alguma, livre das ideologias e as tentativas empreendidas objetivando substituí-las por critérios racionais e neutros no exercício de investigar o mundo, segue o mesmo caminho do “homem galhardo¹³” idealista de Marx e Engels, morrendo afogado pela indubitável força gravitacional.

Desta forma, Mézáros infere que toda forma de consciência social é específica e circunscreve uma época histórica determinada por relações e forças engendradas objetivamente pelos sujeitos reais materialmente existentes. De tal modo, a persistente formação social do sistema do capital, marcado por inconciliáveis antagonismos é, por isso, uma consciência social prática ligada à sociedade de classe na medida em que a orientação dos sujeitos no conflito social real não é um resultado da sua má-orientação ou

¹¹ Poderíamos mencionar aqui algumas formulações dos filósofos contratualistas e a própria filosofia de Hegel para a especificidade alemã, como apoiadores da ordem.

¹² Mézáros utiliza como exemplo as ricas, mas românticas, formulações rousseaurianas. Marx e Engels em *A ideologia alemã* citam os verdadeiros socialistas alemães que esvaziaram o socialismo de seu conteúdo real e histórico.

¹³ No prefácio de *A ideologia alemã*, Marx e Engels (2007, p. 35) iniciam uma crítica seminal ao idealismo dos jovens Hegelianos e finaliza com esta frase: “Um homem galhardo um dia imaginou que os seres humanos apenas se afogavam na água porque estariam possuídos pelo *pensamento da gravidade*. Caso arrancassem essas noções de suas cabeças, por exemplo esclarecendo a mesmo como sendo uma noção supersticiosa, religiosa, eles seriam capazes de superar toda e qualquer ameaça representada pela água. Durante sua vida inteira ele combateu a ilusão da gravidade, de cujas consequências daninhas qualquer estatística lhe fornecia novas e numerosas provas. O homem galhardo correspondia ao tipo dos novos filósofos revolucionários alemães.

de sua superstição religiosa, mas está em consonância com um conjunto de valores e interesses conectados a sua posição no interior do conflito fundamental pelo controle do metabolismo social como um todo. Portanto,

[...] o que determina a natureza da ideologia, acima de tudo, é o imperativo de se tornar *praticamente consciente* do conflito social fundamental – a partir dos pontos de vista mutuamente excludentes das alternativas hegemônicas que se defrontam em determinada ordem social – com o propósito de resolvê-lo *pela luta* (MÉSZÁROS, 2004, p. 66)

É esta orientação prática da consciência social adquirida pelos indivíduos que define a racionalidade dos discursos ideológicos que disputam o controle sociometabólico, tanto os da ideologia provenientes das classes burguesas como das classes trabalhadoras.

Isso, nos termos de Mészáros, equivale a dizer que as práticas mistificadoras dos ideólogos do sistema dominante criam um tipo de racionalidade voltada para a pacificação dos conflitos, apelando para a “unidade” e para “moderação”, ao apresentar, distorcidamente, o sistema de controle do metabolismo social vigente como portador do interesse comum de todos os indivíduos da sociedade, escamoteando de suas investigações científicas a verdadeira essência da sociedade, a sua divisão em classes antagônicas.

Mais uma vez evidenciamos a sutileza com a qual Mészáros retoma as categorias fundamentais de *A ideologia alemã* para discorrer sobre a relação simbiótica entre essência e aparência. Por este viés, o discurso de legitimação social da ordem vigente, independentemente de sua fonte originária, institui-se como portador da verdade objetivando conciliar os interesses irreconciliáveis entre as classes sociais apresentando, para isso, uma visão parcial das relações estabelecidas ocultando sua essência. A este mesmo papel se prestou os jovens hegelianos, se não de forma deliberada, como desdobramento necessário das condições histórico-sociais da sociedade alemã da época.

É nesta perspectiva que Mészáros explica que as ideologias determinadas pela prática levam a marca incontestada da formação social de uma época caracterizada por atividades (práticas) produtivas dominantes. Assim, por exemplo, o fato de fazer parte da escala temporal e social do capitalismo, o prevaletimento dos valores da empresa capitalista adotado pelos ideólogos da ordem social dominante torna-se o quadro de referência definitivo. Neste sentido, a persistência dos valores e das ideias da classe dominante está ligada à sua eficácia em reproduzir este sistema em todos os seus principais aspectos.

O que, por outro lado, mistifica os valores capitalistas como sendo os da sociedade como um todo, através dos mecanismos de subversão da essência da realidade a partir da aparência destes valores tomados como verdadeiros, é a “realidade desta orientação conflituosa e estruturalmente determinada da ideologia”, voltada praticamente para a tomada de consciência do conflito. Aqui Mészáros tenta desmistificar aqueles que teorizam de forma não-dialética a ideologia apenas como “falsa consciência” dizendo que,

[...] a questão da “falsa consciência” – frequentemente apresentada de modo parcial, para favorecer aqueles que a cultivam – é um momento subordinado dessa consciência prática determinada pela época. Como tal, está sujeita a uma multiplicidade de condições delimitadoras que devem ser avaliadas concretamente em seu cenário. (MÉSZÁROS, 2004, p. 67)

A afirmação do autor nos parece plausível com a obra de sua inspiração, *A ideologia alemã*, pois apesar de Marx e Engels darem ênfase ao caráter ilusório da concepção idealista da realidade apresentada pelos jovens hegelianos, o que levou muitos teóricos a tomarem o aspecto da “falsa consciência” como o ponto crucial de suas formulações, quando dos autores se debruçam sobre o problema da “produção da consciência”, associam o conceito de ideologia a uma visão mais geral, atrelando a sua natureza à existência material da sociedade de classes, que aparece, portanto, como ponto controverso para os críticos de *A ideologia alemã*. Segue-se que

As ideias da classe dominante são as idéias dominantes em cada época, quer dizer, a classe que exerce o poder *objetal* dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, seu poder espiritual dominante. [...] Os indivíduos que formam a classe dominante, têm, também, entre outras coisas, a consciência disso, e pensam a partir disso; por isso, enquanto dominam como classe e enquanto determinam todo o alcance de uma época histórica, compreende-se por si mesmo que o façam em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas também como pensadores, como produtores de idéias, que regulem a produção e distribuição das idéias de seu tempo; e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época (MARX e ENGELS, 2007, p. 71).

Marx e Engels, nesta passagem, deixam claro que como emanção dos imperativos materiais, sendo a forma de reprodução social condicionada pelo conjunto das relações de produção e de intercâmbio, a ideologia deve ser entendida como desdobramento desse fazer cotidiano das classes sociais, mas também como universalização da particularidade da classe dominante de uma determinada época histórica.

As ideias dominantes, neste prisma, aparecem como uma expressão ideal da dominação material existente de uma classe sobre a outra e, portanto, não condizem exatamente com a realidade concreta que é essencialmente conflituosa, sendo que “as ideias dominantes não são outra coisa a não ser a expressão ideal das relações materiais dominantes”, ou seja, uma expressão que apresenta uma parcialidade da realidade e não a sua totalidade, pois “não são outra coisa” além das ideias.

Muitos críticos de Marx e Engels analisaram esta formulação entendendo as ideias dominantes como uma “falsa consciência” sobre a realidade verdadeira, não observando o fato levantado por Mészáros de que a “falsa consciência” é um momento subordinado da consciência prática determinada por um época, pois, como diz Marx e Engels na citação acima, “[...] os indivíduos que formam a classe dominante, têm, também, entre outras coisas, a consciência disso” que, necessariamente, é prática, já que tal pensamento dominante só existe por que a classe, antes, é o “poder *objetal* dominante”. Nesse prisma,

[...] por causa da transformação do sistema do capital enquanto tal em um *anacronismo histórico* que, por sua continuada autoafirmação, desconsiderando totalmente as consequências até mesmo de seu impacto sobre a natureza, ameaça a própria sobrevivência da humanidade, é por essa razão que a ideologia das personificações do capital, quer estas exerçam seu papel como “grandes indústrias” ou “espadacharia mercenária” no campo da economia política, não pode ser outra senão *falsa consciência* (MÉSZÁROS, 2011, p. 146).

A falsa consciência, portanto, está atrelada à sustentação da permanência indefinida do controle sociometabólico por parte do capital que, diante de todas as contradições subjacentes, se mostra inviável e autodestrutivo, usando para atingir tal fim todos os elementos disponíveis a seu favor.

O que queremos frisar aqui, tanto em Mészáros como em Marx e Engels, é que, embora estas ideias sejam efetivas em toda a época histórica na qual uma determinada classe domina os meios de existência, elas não anulam as possibilidades dos sujeitos de “[...] se tornar[em] *praticamente consciente[s]* do conflito social fundamental” (MÉSZÁROS, 2004, p. 67, grifo nosso).

Importante salientar ainda que no pensamento de Mészáros, a realidade é tratada como uma totalidade histórica e dialética. Assim enfatizando que,

[...] o caráter específico do conflito social fundamental, que deixa marca indelével nas ideologias conflitantes em diferentes períodos históricos, surge do caráter historicamente mutável – e não em curto prazo – das práticas produtivas e distributivas da sociedade e da necessidade correspondente de se questionar radicalmente a continuidade da imposição das relações socioeconômicas e político-culturais que, anteriormente viáveis, tornam-se cada vez menos eficazes no curso do desenvolvimento histórico (MÉSZÁROS, 2004, p. 67).

Portanto, a determinação da consciência social direcionada ao conflito ideológico tem sua existência ligada ao caráter transitório das práticas produtivas, demonstrando que não podemos depositar os objetivos de emancipação da humanidade em um sistema econômico autodestrutivo, cujas implicações comprometem todas as esferas da vida social, e sua perenidade resultará, necessariamente, na barbárie¹⁴.

Considerações finais

No que concerne ao problema da ideologia podemos, ao menos, fazer duas afirmações peremptórias:

1. Tanto em Marx e Engels quanto em Mészáros as categorias da essência e da aparência possuem dimensão crucial para o entendimento da ideologia enquanto imperativo cada vez mais decisivo na manutenção e legitimação da ordem social vigente. Por essa perspectiva, a ideologia só pode ser verdadeiramente compreendida quando conectada e analisada a partir de suas conexões mais íntimas com as determinações socio-reprodutivas do capital. Dessa maneira, o conflito social fundamental entre o capital e o trabalho é o que *pode* tornar o sujeito consciente da posição que ocupa o interior da sociedade. Evidentemente, isso não implica dizer que a posição assumida pelo sujeito ante as manifestações da ideologia implique na crítica radical do sistema do capital, podendo, antes, estar totalmente vinculada à legitimação social do sistema.
2. Independentemente do nível de consciência dos sujeitos acerca da contradição entre o capital e o trabalho, essa consciência vai ser sempre consciência real, sendo a falsa consciência um momento subordinado da contradição engendrada pela própria reprodução do capital. A adjetivação de falso ou verdadeiro da ideologia só pode ser devidamente compreendida em termos de aproximação na captação da realidade e, portando, de totalidade concreta.

Assim, é importante enfatizar que compreender a ideologia no âmbito restrito da falsa consciência em nada ajuda nos desafios postos na ordem do dia para a classe trabalhadora. É preciso, antes, compreender os mecanismos do seu funcionamento e os desdobramentos materiais efetivos na luta pelo controle do metabolismo social.

Referências

- ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.
- COSTA, Gilmaísa Macedo da. “Lukács e a ideologia como categoria ontológica da vida social.” **Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar**, Abril/Maio/Junho/Julho de 2009: 1 - 13.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Estruturalismo e muséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da lógica**: (excertos). São Paulo: Barcarola, 2011.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2º ed. Tradução: Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paze e Terra, 1976.
- LESSA, Sergio. **Para compreender Lukács**. 3º. Ijuí: Unijuí, 2014.
- ALTHUSSER, Louis. **A querela do humanismo**. Crítica Marxista. São Paulo, n 9 , p. 9 – 51, 1999.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

¹⁴ Em “*Século XIX: Socialismo ou barbárie*” (2012) que constitui leitura fundamental, Mészáros discute a necessidade histórica de se tomar as rédeas dos processos produtivos em todas as suas instancias, sobretudo diante da possibilidade material de aniquilação da humanidade diante do controle, por parte do capital, das armas de destruição em massa que colocam em jogo a própria existência da humanidade como tal.

- MARX, Karl. **Contribuição para crítica à economia política**. 2º ed. Tradução: Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. Tese sobre Feuerbach. *In*: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão e seus profetas. Organização, tradução, prefácio e notas de Marcelo Backes. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. supervisão editorial, Leandro Konder. Tradução: Nélio Schneider, Luciano Cavini Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007a.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão e seus profetas. Organização, tradução, prefácio e notas de Marcelo Backes. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. 1º ed. revista. Tradução: Alvaro Pinto e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência: a dialética da estrutura e da história**. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MÉSZÁROS, István. **Século XXI: socialismo ou barbárie**. [1º ed., reimpr] . Tradução: Paulo Cezar Castanheiras. São Paulo: Boitempo, 2012.
- NÓBREGA, Francisco Pereira. **Para compreender Hegel**. 7º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- VAISMAN, Ester e FONTES, Ronaldo Fortes. “Apresentação.” *IN*: **Prolegúmenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível, por György LUKÁCS, tradução: Lya Luft e Rodnei Nascimento e supervisão editorial Ester Vaisman, 9 - 33. São Paulo: Boitempo, 2010.
- VAISMAN, Ester. “A ideologia e sua determinação ontológica.” *IN*: **Anuário Lukács 2014**. Org. por Gilmaisa Costa, Norma Alcântara. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

Recebido em: 05.04.2018

Aprovado em: 03.07.2018